

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, JUNHO/2013 - ANO XVI - Nº 197

EDITORIAL

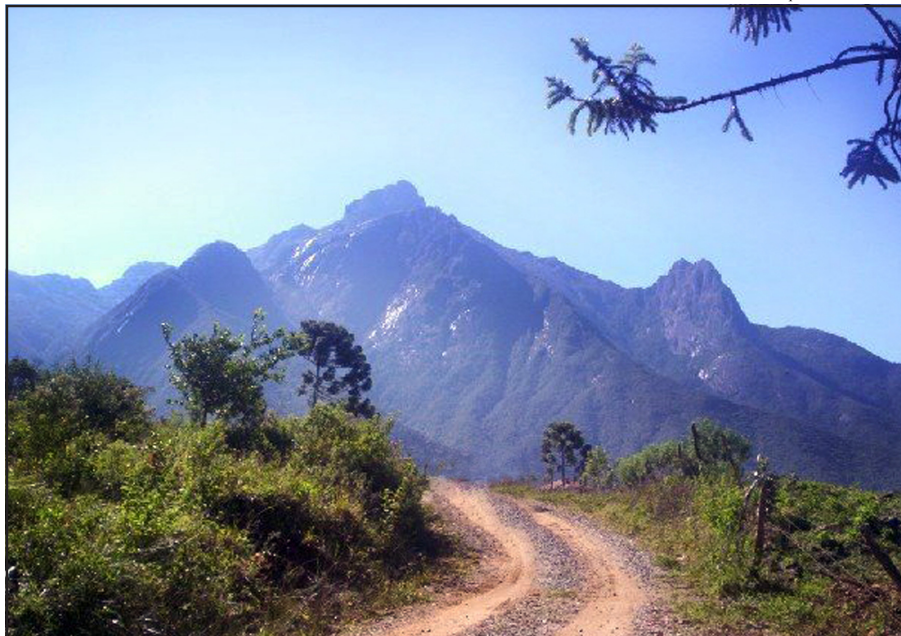
A sociedade brasileira foi surpreendida nas últimas semanas por um exemplo de exercício de cidadania há muito tempo não visto no país. Milhares de cidadãos brasileiros foram às ruas, num movimento apartidário sem precedentes, reivindicando redução nas tarifas dos transportes públicos e outras melhorias.

As manifestações começaram como uma forma de expressar a frustração com as tarifas de transportes, mas se tornaram algo maior. Agora são protestos para mostrar aos nossos políticos que eles devem nos prestar contas quando decidirem gastar dinheiro com Copas do Mundo, por exemplo, ao invés de investir na Educação; quando aprovam orçamentos sem transparência ou quando enviam a polícia para reprimir manifestantes pacíficos que estão exercendo seus direitos democráticos. Atônitos, os políticos observam com medo e espanto. Eles não entendem que há um novo Brasil surgindo e que esse Brasil é nosso, e que somos nós quem podemos dizer o que fazer com ele.

Os brasileiros resolveram virar o jogo: somos nós, cidadãos, que decidiremos o que os políticos e as instituições farão e não o contrário. Esta é nova democracia, que nasceu do povo para o povo. O movimento que está começando agora tem potencial para remodelar a atual democracia para melhor. Basta de corrupção, do mau uso dos recursos públicos, de políticos condenados ocupando cargos relevantes na república.

As ruas estão sendo tomadas por cidadãos cada vez mais conscientes de que trabalham muito, pagam altos impostos e recebem cada vez menos dos governos. A grande maioria dos serviços prestados nos diversos setores públicos é de péssima qualidade. Como pensar num país desenvolvido se nossa educação é uma das piores do mundo e os serviços de saúde oferecidos são insuficientes?! O dia em que cada cidadão tiver em mente que trabalha cinco meses do ano para pagar impostos e, ainda assim, não dispõe de serviços públicos de qualidade, a irritação será ainda maior do que a vista nessas últimas semanas. É só uma questão de tempo.

Foto Arquivo Pró-Memória



A Serra da Mantiqueira faz parte de uma das maiores cadeias montanhosas do Sudeste brasileiro. É protegida como APA (Área de Proteção Ambiental) pelo Decreto Federal 91.304, de 3 de junho de 1985. Um levantamento de informações está sendo efetivado para regulamentar seu Plano de Manejo.

O Plano de Manejo da APA da Mantiqueira

Técnicos contratados pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) deram início no final de maio a uma série de reuniões com os moradores dos municípios cortados pela Área de Proteção Ambiental (APA) da Mantiqueira, visando ao levantamento de informações socioeconômicas que servirão de base para a elaboração do Plano de Manejo dessa APA.

O Plano de Manejo estabelece o zoneamento e as normas que devem regular o uso de uma unidade de conservação e o manejo dos recursos naturais que nela existem. A aprovação desse Plano também implica na definição do conjunto de ações necessárias à gestão da área protegida; ele tem como objetivo conciliar os diferentes usos com a conservação da biodiversidade.

O Plano de Manejo é uma ferramenta construída em conjunto com a população da região de localização da unidade de conservação para definição das regras de uso e de conservação dos recursos naturais, mostrando o que a região possui de bom e o que precisa ser preservado. A mobilização com a população acontece por meio de reuniões. O primeiro encontro foi realizado no dia 27 de maio e os próximos vêm acontecendo e

serão finalizados até o dia 3 de julho. Serão visitados os 29 municípios abrangidos pela APA da Mantiqueira, nos estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Em Piquete, as reuniões já aconteceram: a primeira com moradores dos bairros Benfica e Tabuleta, e a segunda no Bairro dos Marins.

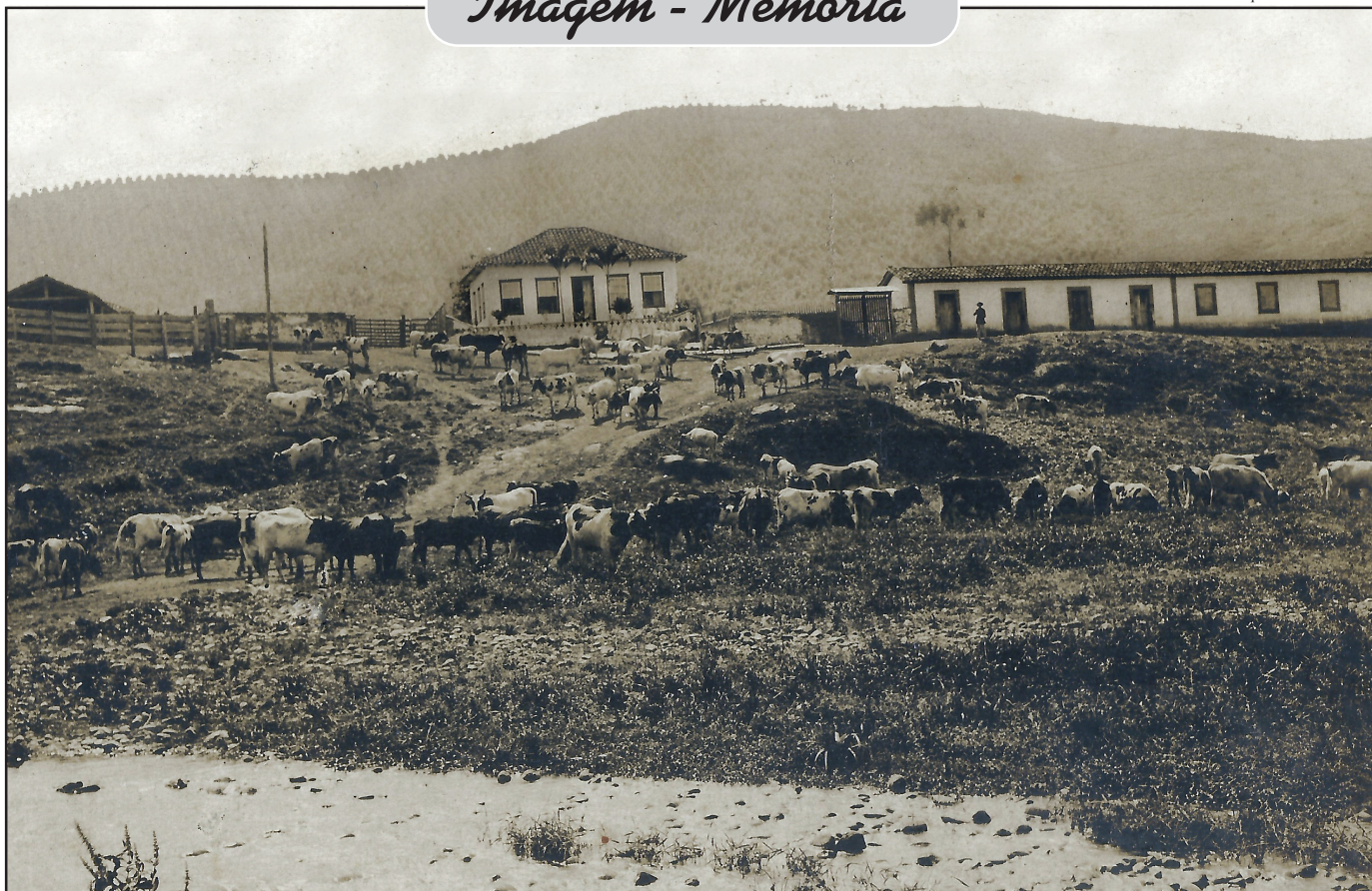
A APA da Serra da Mantiqueira foi criada pelo Decreto Federal número 91.304, em 3 de junho de 1985.

A Serra da Mantiqueira faz parte de uma das maiores cadeias montanhosas do Sudeste brasileiro. Entre os objetivos da APA estão: a conservação do patrimônio paisagístico e cultural das regiões mais altas da Serra da Mantiqueira; a proteção e a preservação da flora endêmica, dos remanescentes dos bosques de araucária, da continuidade da cobertura vegetal do espigão central, das manchas de vegetação primitiva e da vida selvagem, principalmente as espécies ameaçadas de extinção.

Outro objetivo importante da APA é a proteção dos recursos hídricos da Serra da Mantiqueira, onde nascem importantes afluentes dos rios Grande e Paraíba do Sul, responsáveis pelo abastecimento de boa parte dos estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro.

Imagem - Memória

Fotos Arquivo Pró-Memória



A Fazenda da Barra

Na segunda metade do século 19, a exemplo do que ocorreu por todo o Vale do Paraíba, houve a expansão da cultura cafeeira por terras piquetenses e a formação de inúmeras fazendas. No auge da produção, as fazendas viviam em intensa movimentação. Enquanto parte do café colhido secava nos terreiros, outro tanto era descascado, separado, ventilado e classificado nos moinhos, tulhas e engenhos. Para garantir o aumento da produção dessa lavoura, era necessário um crescente número de mão de obra escrava. Nas lavouras, grupos de cinquenta, cem e até mais escravos ocupavam-se da colheita, preparo, ensacamento, pesagem e transporte para casas de comércio e centros exportadores. Durante o segundo reinado, o café foi a principal fonte de renda do Império. As fazendas valeparaibanas eram as principais responsáveis pelo café exportado e, portanto, a principal mantenedora do Império. O Vale do Paraíba tornou-se, com isso, o principal centro econômico. O solo fértil, o clima ameno e a crescente mão de obra escrava só favoreciam a cultura cafeeira. Rapidamente, os grandes proprietários se enriqueceram. As fazendas foram sendo incrementadas com a compra de máquinas de beneficiamento de café, construção e adaptação de melhorias nas casas grandes, senzalas, depósitos de café, tulhas e outras edifica-

ções. Em fins do século 19, esse fausto apresenta sinais de declínio causados pelo desgaste do solo e pela abolição da escravidão, em 1888. Não demorou para que as lavouras fossem deixadas de lado e cafezais cada vez mais improdutivos abandonados.

Quando da emancipação político-administrativa do bairro lorenense do Piquete, em maio de 1891, a produção cafeeira das principais fazendas diminuiu acentuadamente. Os cafezais já não produziam como em décadas anteriores. O café deixou de ser investimento certo e seguro. Muitas propriedades foram vendidas a preços irrisórios. Alguns cafeicultores migraram com suas famílias para o oeste de São Paulo, onde terras de solo fértil produziam café de qualidade em abundância. Os que ficaram tiveram que se adaptar enfrentando tempos de muitas dificuldades. Alguns conseguiram por mais algumas décadas manter um ou outro cafezal. Um dos que se adaptou aos novos tempos foi o capitão Antonino Pereira da Rosa, proprietário da Fazenda da Barra, à entrada de Piquete, no lugar em que os ribeirões Piquete e Itabaquara confluem. Os cafezais que verdejavam os morros foram substituídos pelo gado leiteiro. O capitão Rosinha, como era conhecido, intensificou seus investimentos na pecuária. Criou, a exemplo de outros fazendeiros, muitos bovinos com sangue de raça holandesa, che-

gando a importar animais da Frízia, região do norte dos Países Baixos, na Europa, onde havia uma raça especialmente destinada à produção de leite.

Observando a fotografia da Fazenda da Barra que ilustra este “Imagem Memória”, datada dos primeiros anos do século 20, evidenciamos o período de transição de nossa história econômica: no primeiro plano vemos, às margens do ribeirão Piquete, o gado leiteiro recém-introduzido na região; ao fundo, atrás da sede da propriedade, observam-se, perfilados, reminiscências de cafezais. Ao lado, antigas senzalas adaptadas para casas de colonos e armazéns. Essa fotografia fornece aos curiosos de nosso passado histórico preciosos dados para análise e entendimento.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:

Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor: Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Coronel Pederneiras, 204

Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

GENTE DA CIDADE

Margarida Campos

Aos 84 anos, completados no último dia 15 de junho, é exemplo de determinação, coragem e fé. Voltada para a família e o trabalho, Margarida Borges de Campos vem superando as adversidades da vida.

Essa portuguesa de Vila Franca da Beira, distrito de Coimbra, é filha de Sebastião Borges de Campos e Maria Tavares Borges. Os pais tiveram cinco filhos, entre eles D. Margarida e o irmão gêmeo Firmino Borges de Campos. Vila Franca da Beira é uma pequena aldeia pertencente ao Conselho de Oliveira do Hospital, próxima à cidade de Liseu. A família vivia da lavoura de batata, milho, trigo, centeio – todos trabalhavam; “eu, com 7 anos já ajudava nos serviços da casa”. Com 21 anos, em 28 de outubro de 1950, casou-se com Aurélio Tavares de Campos, na Capela de Santa Margarida, em Vila Franca. Em sua terra natal nasceram os dois primeiros filhos. Em 1944, seu irmão mais velho, Manoel Campos, veio para Piquete, onde comprou, de Miguel Purcino Ferreira, a “Casa Progresso”. “Naquele tempo, com a construção da estrada para Itajubá e a expansão da Fábrica, circulava muito dinheiro por Piquete”, afirma D. Margarida. Atraído pela oferta de trabalho, o marido veio, em 1951, para Piquete, trabalhar com o cunhado. Em 1952, adquiriram de Antônio Armando um bar na Praça da Bandeira. Três anos após a vinda de Aurélio, Margarida embarcou com os filhos para o Brasil, em 15/08/1954. Recordar-se de que, no meio da viagem, ficou sabendo da notícia do suicídio de Getúlio Vargas. “Foi um momento de apreensão, pois o local desembarque quase foi alterado”. Após 16 dias de viagem, desembarcou no Rio de Janeiro e veio para Piquete. “Espantei-me com a quantidade de morros e sentia muita falta das frutas de minha aldeia: uvas de todos os tipos, cerejas, pêssegos, figo...” – essas foram as primeiras impressões de D. Margarida.



Em 1957, o esposo Aurélio e o cunhado Firmino compraram o Hotel Brasilino, que teve seu nome alterado para Hotel Brasil. As duas famílias passaram, então, a residir no Hotel. No Brasil, D. Margarida teve mais três filhos. “Foi um período de muito trabalho, mas muito bom... O estabelecimento era hotel, bar e restaurante. Imagine: não havia gás; o fogão era a lenha... Era duro o trabalho de cortar a lenha e cozinhar no período de chuvas...”, conta, saudosa. O Hotel tornou-se referência... Contava com 14 quartos – “todos sempre ocupados”, afirma D. Margarida. Além dos quartos, dispunha de um amplo salão, frequentemente utilizado para encontros políticos e confraternizações diversas. Os hóspedes eram militares, jogadores de futebol, funcionários de banco, além de viajantes.

Em 1962, o pai de D. Margarida faleceu em Portugal e a mãe foi trazida para morar com os filhos. Aqui faleceu, em 25/10/1987, com 93 anos. A família passou a residir à avenida Rodrigues Alves. No início dos anos 90, D. Margarida perdeu a filha mais velha. A doença e a morte da filha foram um baque para a família. Poucos anos depois, em 1993, ficou viúva. As ausências e perdas foram preenchidas por três netos que vieram morar com ela. Os sobressaltos foram enfrentados com força e coragem.

Criada sob preceitos fortemente religiosos, D. Margarida afirma: “somente com muita fé e a ajuda de Deus venho superando as dificuldades da vida; foram muitas perdas...”. Emociona-se ao falar da família, de seus dez netos e, principalmente, do primeiro bisneto, de poucos meses.

Há quase 60 anos em Piquete, D. Margarida diz amar a cidade. Sente-se honrada por aniversariar no mesmo dia do município. Cita a antiga Corporação Musical Piquetense, que, em todos os 15 de junho, lanchavam em seu bar e, em seguida, formados em frente ao Hotel, tocavam o “Parabéns Pra Você” para a cidade, ela e seu irmão.

Salvemos a pátria amada, Brasil!

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Junho me é um mês especial: há datas que me são muito caras. Neste 2013 não foi diferente, foi especial. Procuro sempre agradecer por tudo, ainda que nem tudo me agrade. Fio-me na fé de que o melhor está por vir e que isso depende de meu empenho. Bem... Isso no âmbito pessoal... Já no coletivo, este junho foi uma surpresa. As manifestações em todo o Brasil surpreenderam – seja pelo ineditismo em mais de 20 anos, pela forma como surgiram ou pelos resultados que já proporcionaram. Não há como não comentar...

Acompanhei somente pela mídia. Em minha opinião, o alcance e o desdobramento da manifestação paulistana liderada pelo Movimento Passe Livre para pedir a revogação do aumento das passagens no transporte coletivo devem ter surpreendido até mesmo os organizadores. Um fato pontual desencadeou inéditas demonstrações de descontentamento de toda uma nação com a condução de outros setores além do transporte, especialmente saúde e educação. Além disso, protestou-se veementemente contra a corrupção em todos os níveis e os gastos excessivos nos eventos esportivos das copas das Confederações e do Mundo e Olimpíadas.

Não há como não admirar a manifestação democrática de um povo exigindo direitos básicos, transparência e seriedade no trato com a coisa pública. De início tratados severamente pela mídia – e pela polícia – como agrupamentos de baderneiros, os movimentos provaram-se sérios e tiveram sua avaliação revista: passaram a “manifestantes” e tiveram sua causa encampada por todos, mídia inclusive. Porém, como em qualquer acontecimento que envolva mais de uma pessoa, ou seja, pensamentos diferentes, há choque de ideias e encontram-se “laranjas podres”, aqueles que se deitoam da esmagadora maioria. Neste caso, surgiram os vândalos – covardes mascarados que aproveitaram as manifestações para atacar prédios e monumentos públicos e privados e saquear estabelecimentos. Para esses, cassete e prisão são os tratamentos merecidos. Críticas diversas surgiram: os que exigiram que não houvesse invocação de partidos foram taxados de ditatoriais e de extrema-direita, por exemplo. Discordo completamente: não sou contra partidos políticos; eles são a representação principal da democracia e do livre pensar. Mas não dá para aceitar que as siglas existentes no Brasil (não são partidos, em minha opinião) tentem tirar proveito de uma situação legitimada pela espontaneidade. Não se justifica, é claro, a violência, mas a passividade frente a aproveitadores não pode ser tolerada ou mesmo corroborada.

Espero que as manifestações pacíficas continuem. Que o povo tenha finalmente acordado para a real condição de nosso país, tão maltratado por políticos inescrupulosos – bandidos mesmo – que pensam apenas em seu enriquecimento. Que, principalmente, tenhamos consciência de que a culpa desses políticos estarem no poder é nossa: receberam nossos votos. Acorremos realmente, brasileiros! Salvemos a pátria amada, Brasil! Ainda há tempo.



Salve Piquete!

*Existir é ter o tempo marcado no espaço;
Simbolizado nas formas e registrado na memória,
Motivado nos significados.*

Qual é o motivo da cidade?

Na data aniversariante de nossa cidade é importante considerarmos que todas as cidades têm símbolos, isto é, elementos reconhecíveis da identidade que lhes é atribuída. São símbolos imateriais como a história, a memória e as narrativas cultivadas no imaginário e transmitidas por gerações, além dos materiais como as edificações.

Piquete é reconhecida na paisagem pelos edifícios, os rios, o entorno da serra, as matas, os campos. Dos edifícios marcadores, destacamos os das sedes matriciais católicas – a antiga matriz harmonizada no seu tempo com a cidade nascente, no promontório, que lhe permite ser vista com suas torres arredondadas, o relógio e os pequenos galos sinalizadores das direções dos ventos. Na outra colina, a nova Matriz, triangular, erigida pelo sonho e a prancheta de Prometheu da Silveira, o arquiteto que aqui aportou e se instalou, e elegeu Piquete para aqui terminar seus dias, vinculado para sempre ao tetraedro de Miguel Arcanjo. Tetraedro espelhado nos vértices agudos das montanhas cobertas de verde esmeralda ou azul safira, ou azul lápis-lazuli, ou plúmbeo, no cinzento das catadupas vertiginosas, ou enevoadas na cor do gelo, e da geada. Névoas apaziguando arestas e vértices e dando leveza de plumas à aspereza das encostas. Enganadoras, a ameaçar incautos nas estradas circunvolantes e fossos abissais, precipícios.

Na cronologia, a edificação da fábrica de pólvora, dos edifícios de trabalho e produção, referências máximas da instalação do núcleo de produção bélica e seus mobilizadores, acompanhantes e caudatários. Relevância do complexo urbano diversificado de hierarquias e os equipamentos da circulação – as estações ferroviárias, a neoclássica Rodrigues Alves, eclética modelagem do início do século 20, e a moderno-militar Estação da Estrella do Norte, assim grafada para localizar o imponente Marins de frente, e a Vila Militar atrás da gare, as duas fachadas abertas e amplas.

Equipamentos urbanos referenciadores da Fábrica de Pólvora Sem Fumaça, depois Presidente Vargas, mantendo o fio de ligação histórica de expansão e povoamento da cidade. Como selo de autenticidade, uma imagem, a da cidade, e a outra, a da Fábrica, transfiguraram-se, resistentes aos desgastes,

para testemunhar um passado eloquente e positivista, alimentado pelos cultores formados na era Vargas, moldados à luz do nacionalismo, do progresso e da ordem. Cidade estrategicamente não representada nos mapas dos meados do século passado, Piquete foi “escondida” no Vale do Paraíba. Cogitava-se, por consequência, se ela fazia parte dessa unidade territorial, até que a liberação da logística bélico-militar projetou-a na subunidade do Cone Leste, interseccionada ao vale tributário da Bacia do Paraíba do Sul, o do Ribeirão Piquete, e às elevações mantiqueiras de acesso às fronteiras São Paulo-Minas. Piquete, aquela, sobre a qual só se falava veladamente ou sob epítetos, alguns até menos favoráveis, se tornou foco num vale de destacados conjuntos ligados ao belicismo e por um determinado espaço de tempo mantida portadora de uma importante infraestrutura social, com destaque na educação. Hoje, marca evocatória do esgotamento do modelo paradigmático do corpo e mente sãos. Ou, em outras palavras, valorizados.

Uma população mesclada define a paisagem humana. Muitos descendentes de escravos alforriados e por fim libertos, a engrossar as correntes dos estigmatizados pela marginalidade e a exclusão. Mão de obra disponível e barata.

Ao aumento relativo de habitantes, frutos do crescimento vegetativo, somou-se a chegada de estrangeiros – principalmente especializados no trabalho industrial em curso. A Fábrica equipava-se e aumentava a produção até singularizar-se no conjunto latino-americano. A população requeria bens e favorecia a chegada de artesãos de origem europeia.

Mas, que nos dizia a “cidade invisível” que se denotava no modelo projetado sob a égide militar? Ainda uma cortina recobre esse passado, emblemático e vangloriado num repertório emocional alimentado pelo fogo das paixões.

Que imagem dela temos hoje, 122 anos após a emancipação político-municipal, quando, agora, a população começa a discutir seu futuro a partir das perdas do passado e a sentir-se no direito de tomar realmente as decisões? Estaríamos no limiar de uma nova emancipação?

Dóli de Castro Ferreira

*Piquete,
A cidade da espera.
À espera do amor
Passeiam gentes
Nas calçadas.
À espera da missa
Andam as devotas
Em roda da igreja.
À espera da festa
Arrumam-se as moças,
Limpa-se o pó dos ternos,
Procura-se a gravata borboleta.
À espera do filme
Fazem-se filas nas calçadas.
À espera de mais nada
Sentam-se ao sol
Velhos de olhos viajados.
À espera de encontro
Vagueiam os sem-encontro.
À espera do que virá
Caminham todos
Nesse universo morno.
Viver nele é procurar
É escalar
Sempre e sempre
Suas montanhas azuis
À procura
De se achar
De se chegar
Onde se possa
Deixar os olhos
E voltar.*

Vera Lúcia Machado (1971)

*Piquete
Molemente
Enrolado nas montanhas
Piquete
Com tudo que é bom
O riacho
Que
Desce
Amor-tecendo
Por
Onde
Passa
A cruz
Que do alto
Olha
O mais alto
E se suja de azul.
O sol de Piquete
Com seus olhos
Caiados de luz
Traz para fora pessoas,
Pessoas que saúdam o sol
Com seus sorrisos
Passados a limpo.
Piquete
Onde também as cruzes
Se sujam de vermelho
Onde também os sorrisos
Ficam no rascunho
Onde também a ternura
Fica sobre pedras.*

Vera Lúcia Machado (1971)



Fotos Arquivo Pró-Memória



Fotos: Arquivo Pro-Memória

O “Terço dos Negros” – união e fraternidade

No dia 15 de junho foi realizado o “Terço dos Negros” em homenagem a Santo Antônio. Nunca havia participado da reza, tradicionalmente realizada na casa do Gil do Jongo, na Vila Eleotério, em Piquete.

Cheguei já próximo ao final, mas presenciei cenas que me emocionaram. O terço não é rezado da forma tradicional, mas cantado com vozes fortes que soam tristes e emocionadas. Um número muito grande de pessoas lotava a residência de Gil. Vislumbrei ali o real sentido de comunidade, de partilha. São familiares e amigos que se reúnem atraídos pela amizade e pelo carinho. As “intenções” do terço são emocionantemente cantadas por todos. Reza-se pela saúde de

membros do grupo, pela memória dos que não mais estão ali, pela recuperação de amigos... E, como não podia deixar de ser, algumas “moças casadoras” também fazem seus pedidos, né?!

O mais importante, em minha opinião, é a união e a fraternidade evidenciadas. É por meio desses sentimentos que conseguem se reunir anualmente para saudar Santo Antônio. A casa lotada de colchões e as atividades divididas são outros sinais de espírito comunitário e de amizade.

A reza do terço é seguida por uma grande festa. Animação é a tônica, depois de realizados os pedidos com a certeza do atendimento pelo santo. Complementaram a noi-

te farta distribuição de saborosa canjiquinha – perfeita para a noite fria, mas aquecida por uma fogueira –, apresentação de Folia de Reis e uma animada roda de jongo.

Tradição, cultura, demonstração de fé... foi o que encontrei naquela noite... É o que diversos estudiosos acadêmicos presentes também puderam partilhar. Esta reza acontece já há muitos anos em Piquete e carece de continuidade. Percebe-se que as “puxadoras” são “pretas velhas”; é essencial que busquem passar o costume adiante. Dessa forma, manter-se-ão vivas e poderão dar-nos o prazer de muitos momentos como o deste 15 de junho de 2013.

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

“Seu” Dito

2 de abril – 2013

92 anos é um tempo
Memorável
Para se viver,
Não é, “seu” Dito?
E nesses 73, para
Se fazer uma festa
Animada. Errei a data?
Mas não o efeito.
Este é real.
É a soma dos dias
Dedicados a pensar
Na festa, para promovê-la,
A chamada festa
Da queima do Judas,
O traidor entregador
De Jesus para o suplício,
E a promoção
Da promessa
Dos sacramentos
Ministrados. O Rei e Senhor.
E da boa nova
Da Redenção
Aplicada como Páscoa
Da irmanação fiel,
E da imantação
Dos privilégios da vida eterna
Centrada no evento
Da paixão glorificada.

O poemeto aqui colocado é uma singela homenagem a um grande homem, emérito cidadão piquetense – “seu” Dito. Habitante do bairro da Estação, a Estação Ferroviária Rodrigues Alves, pontua, com eloquência, o local, e dele faz referência para ser nomeado – “Seu” Dito da Estação.

Assim como é costume muito antigo nas sociedades ibéricas o nome de um morador mais famoso, conhecido e representativo, cede a individualidade para a identificação da nomenclatura referencial básica.

Mais do que isso, seu Dito é o patrocinador de uma festa já tradicional no evento da Páscoa, com a queima do Judas sob intenso foguetório, música e gritaria da criança.

Desconheço sorriso mais feliz do que o dele ao ver o grande número de crianças brincando e pulando nos artefatos para esses fins que Regina, sua filha, prepara, organiza e administra. Acrescente-se a farta distribuição de pipoca e algodão doce. E mais, balas, pirulitos, e demais guloseimas acondicionados e atirados às crianças que se aglomeram à porta da casa familiar dele.

Aos 92 anos, seu Dito mantém anualmente essa tradição, que já salientei em páginas deste periódico e que faz parte do calendário cultural da cidade como componente do patrimônio imaterial. Somente falta o reconhecimento pelas autoridades do evento e a presença que daria ao patrocinador o beneplácito da felicidade completa.

Seja documentada essa iniciativa pela Câmara Municipal, e garanta-lhe nas páginas de seus registros essa passagem marcante de ocorrência por 73 anos.

Ancorado nessa alegria, seu Dito apresenta-se firme em cada festa, projetando a próxima, recebendo os amigos e distribuindo presentes. Faz questão disso e não mede esforços para atender a todos que aparecem para cumprimentá-lo.

Eis um belo exemplo de civilidade.

Que seja lembrado principalmente neste mês de junho em que se comemora o aniversário de emancipação política de Piquete.

É bom considerarmos que seu Dito está junto à Estação Ferroviária, num dos polos do eixo que faz a ligação com a matriz tradicional – os dois focos simbólicos definidores do processo civilizatório que deu origem ao núcleo e ao aglomerado urbano.

Dóli de Castro Ferreira

Vida em Piquete

Piquete

Almofadada entre montanhas

Piquete

Apenas tu possuis

a calma

o olhar manso do sol

nos dias sem surpresas.

A procissão do Santíssimo,

com seus tapetes

de ternura simples.

Cabeças baixas

acompanham a procissão

relembra castamente

outras procissões tão iguais

tão sem surpresas.

Sem surpresas

o trenzinho de operários

que chega todo dia.

Os mesmos rostos,

a mesma marmita,

o mesmo olhar de

encontro sem resultado.

Sem surpresas

as bicicletas operárias

que levam e trazem todo dia

esperança e desencontro...

Sem surpresas

os filmes de mocinho

onde morre o bandido.

Sem surpresas

os namorados que se veem

à mesma hora, na mesma pracinha.

Sem surpresas

o sol que nasce

o sorriso que surge - ou não surge

o rio que se joga a si mesmo nas pedras.

Sem surpresas

o luar que surge

não se sabe de onde

mas para que saber

se tudo são não-surpresas.

Por isso os meus olhos

sem surpresas

foram deixados

em Piquete

sozinhos.

Vera Lúcia Machado (1971)

Crônicas Pitorescas

A descoberta do amor

Palmyro Masiero

Até por volta das dez horas da manhã, não me lembro de nada especial que me fizesse desconfiar que naquele dia eu tivesse me levantado com o diabo no corpo. Por esse horário, ao abrir o velho armário onde se guardavam as compras do mês, foi que suspeitei de sua presença. Dentro do armário, vi uns pacotes de cigarro fechados – o velho comprava para o mês todo – e um aberto com umas carteiras. Juro que não fui eu e sim o luciferzinho que estava comigo que tirou uma carteira do pacote (eu lembro: era Beverly) e que, num toque mágico, acomodou-se no meu bolso. Logo, a busca de uma caixa de fósforo, que veio fazer par com a carteira. Não atinava bem, mas estava me municiando para alguma coisa que só o chifrudinho poderia dizer.

Mais tarde, passaram do meu bolso para a bolsa da escola. Depois do banho, almoço, cabelos penteados e coberto de bênçãos, estava eu a caminho do Grupo. Na esquina, o Pirinho, um pretinho magricela, já me esperava. Encontramos, mais à frente, o João e o Nelson – estava formado o quarteto do dia em direção às aulas. No trajeto, contei-lhes o segredo que minha bolsa continha, e o diabozinho incumbiu-se de colocar na minha boca um plano e na cabeça deles a aceitação do mesmo.

Sáímos do caminho costumeiro e tomamos por uma trilha que subia por um morro arborizado e ia dar na rua de cima. No meio do atalho dobramos à direita e debaixo de uma árvore nos sentamos e começamos a fumar. A fumaça era danada... Um cigarro atrás do outro... Tontura geral, enjoo, tosse de arrancar lágrimas... Estávamos mal com o negócio...

A consciência estava me doendo. Meu pai tinha uma coleção de filhos, dava duro para saciar as goelinhas abertas... Não, não podia jogar fora o restante do maço. Após leve pausa, a fumaça recomeçou e o mal-estar aumentou... Pirinho não suportou: o que tinha vomitou... Ali estávamos os quatro, emburrados numa terrível indisposição, boca terrivelmente amarga e aula cabulada...

As horas não corriam... Tempo de sol fervente e parado. Nós, mudos, ruminando

nosso desassossego. Bastava lembrar do lanche para o estômago se revoltar. Pelas três horas, talvez, ouvimos ligeiros sussurros, gemidos, ou coisa parecida, pouco mais abaixo de onde nos encontrávamos. Sobressaltamo-nos. Estariam nos caçando? Ansiedade. Permanecemos em silêncio tumular. Voltamos a ouvir claramente leves murmúrios e respiração ofegante. Resolvemos, nos arrastando como cobras pelo mato, ir em direção ao ruído. E vimos, pouco abaixo, em outra clareira, sob a sombra de uma árvore, um enorme crioulo deitado em cima de uma mulher branca, ambos como que lutando.

Com nossos nove anos de idade, somente um pensamento nos ocorreu: o negão estava matando a mulher. Assustados, em desabalada carreira, tomamos a trilha aos berros de que havia um homem matando uma mulher no meio do mato. Apareceram dois empregados de uma venda da rua de cima e, juntos, fomos ao local do crime... Nada encontramos, porém. De lá vimos o crioulo correndo para um lado e a mulher para o outro, já no sopé do morro. Quando explicamos aos dois como estava o casal, desandaram a rir – piada que não entendemos – e, retornando, displicentemente, nos disseram que os dois estavam fazendo amor.

O único amor de que já tínhamos ouvido falar fora no catecismo: “amar a Deus sobre todas as coisas”. Na escola, dia seguinte, contamos a cena assistida, a nosso modo, e os mais velhos e tarimbados nos deram uma aula de sexologia – ao modo deles... E ficamos assim sabendo de uma atividade humana que jamais passara por nossas cabeças.

Hoje fico imaginando porque o demoninho que me encaminhou para a grande descoberta não o fez de outra forma... Deixa-me, agora, muito triste a lembrança de que, para descobrir o amor, eu tivesse deixado um casal assustado, incompletado e frustrado... Resta-me tão somente a esperança de que eles tenham tido outra oportunidade de terminar o que fora iniciada – desta vez em paz!

Jardim Zoológico

Edival da Silva Castro

Bons tempos aqueles em que, juntamente com amigos, nas tardes de domingo, íamos passear no zoológico da Fábrica Presidente Vargas.

Localizado no recinto onde funcionava o Jardim da Infância, as crianças tinham o privilégio de aprender o ABC ouvindo as vozes dos animais e o canto dos pássaros.

As jaulas circundavam as salas de aula, o viveiro dos pássaros silvestres ficava após as jaulas, no fundo esquerdo de quem entrava no zoo. Era o recanto mais visitado pelos passarinhos por possuir enorme variedade de aves canoras. O aquário, ornamentado com estátuas da Branca de Neve e dos sete anões, recebia muitos turistas, tendo em vista a variedade de peixes, de plantas exóticas e a beleza do lugar.

O zoológico seria hoje a única maneira de as crianças conhecerem de perto um pedaço de nossa fauna, de se amedrontarem com o rugir da onça pintada, de sorrirem com as macaquices dos macacos, de se admirarem com o canto do pavão e de ficarem apreensivas com o silvo da cobra jiboia.

Defronte ao jardim zoológico, num espaço entre a margem esquerda do ribeirão Benfica e a rua, um búfalo chamava a atenção dos transeuntes pela grandeza de seu porte. Ele passava o dia ruminando, mugindo e babando na sua baía improvisada.

O saudoso seu Marinho possuía a missão de alimentar e observar o bem-estar de cada irracional.



Acesse na internet, leia e divulgue o informativo

“O ESTAFETA”

www.issuu.com/oestafeta

A Fundação Christiano Rosa parabeniza os poderes constituídos e os piquetenses pela passagem do 122º aniversário de emancipação político-administrativa de Piquete!

Salve 15 de junho!

O País precisa de mais donos

Os protestos que tomaram conta de diversas cidades de nosso país nos últimos dias têm grande importância política. É certo que os gritos das ruas serão, de alguma maneira, ouvidos pelos governantes deste país. A democracia é celebrada pelo povo que, nas ruas, está clamando por seus direitos, está cansado de tanta corrupção, má gestão do Estado, impunidade e descaso com as demandas públicas. As manifestações populares são fundamentais para que a democracia se consolide de fato em uma nação, não apenas como ideologia política, mas como modo de organização de toda a convivência social.

Ainda estamos longe de viver em um país democrático. Podemos escolher nossos governantes, mas isso é apenas o começo. Uma nação vai se tornando realmente democrática enquanto seu povo vai se tornando, literalmente, dono de seu país: dono das terras, dos meios de produção, das riquezas naturais e criadas. Essa é a base de uma verdadeira democracia. Um governo democrático é aquele que zela pela posse justa e compartilhada das riquezas de um país, de forma que todos os cidadãos sejam donos de uma parcela de bens que lhes garanta dignidade.

A democracia é uma conquista que não

pode prescindir de elementos estruturantes como a reforma agrária, a demarcação de terras indígenas, a limitação da posse da terra, o confisco de grandes fortunas e a redistribuição das riquezas, a defesa de porções minoritárias de cidadãos, a salvaguarda do patrimônio material e cultural ante aos interesses internacionais, a estatização de setores estratégicos para a economia e a segurança nacional e serviços públicos de qualidade que garantam o acesso à educação, à formação profissional, à assistência social e à saúde – um povo doente não pode trabalhar.

Difícilmente um governo, mesmo eleito pelo povo, terá força política capaz de possibilitar mudanças que impactariam tão diretamente nos interesses dos mais poderosos. Isso equivale a dizer que dificilmente viveremos numa democracia real. Até agora não tive conhecimento de que as vozes que ecoam pelas ruas do país tenham ido tão a fundo em suas reivindicações. Acho que o povo ainda não percebeu algo fundamental: vivemos em um país com poucos donos. É vital redistribuir o Brasil. Essa é uma condição que a democracia nos impõe. A ordem e a Lei que regem a Nação precisam ser re-escritas não para dar garantias jurídicas às posses dos mais ricos, como

sempre aconteceu, mas para garantir a distribuição equânime da posse das riquezas do país, de modo que tenha o povo como dono. Uma nova ordem seria chamada de desordem, subversão, baderna ou comunismo por aqueles que sempre foram privilegiados pela atual maneira injusta de a convivência se organizar em nossa Nação. Essa nova ordem, porém – que precisa surgir –, será, de fato, o que podemos chamar de ordem democrática. Ela deve nascer pela exigência e força do povo, mas respeitando as instituições legítimas.

Ficamos no aguardo do desfecho dessa onda de protestos e manifestações. Esperamos que não haja mais atos de vandalismo, que não causem mais danos ao patrimônio público e nem a desestabilização das instituições. Que se mostrem mais pacíficas e conscientes. Os frutos mostrarão se todo esse movimento que tem agitado a Nação é a manifestação de um tão esperado amadurecimento político de nossa gente ou um mero fenômeno de massa motivado por uma arregimentação de contingentes populares desprovidos de criticidade e instrumentalizados pelas sedutoras redes sociais. Esperamos que o resultado disso tudo seja um país mais justo, que garanta os direitos de sua gente. **Pe. Fabrício Beckmann**

O inchaço das cidades

Não há quem discorde: “a população brasileira se deslocou do campo para a cidade”.

Curioso é que ninguém percebesse as consequências; ou melhor, antes não se tivesse preocupado com as causas.

Deus foi realmente brasileiro quando soprou no ouvido de alguém que era preciso criar Brasília.

Mesmo tendo sido a capital da República até 1960, a cidade do Rio de Janeiro não tomou as providências necessárias para assimilar o acréscimo de população que se constatou.

A cidade de São Paulo cresceu num ritmo tão acelerado, que toda a gestão de um Prefeito não consegue produzir um ordenamento que tenha visibilidade.

A coragem dos agropecuaristas paulistas, paranaenses, catarinenses e gaúchos mudou a face do centro-oeste e chegou ao sul do Maranhão, ao sul do Piauí, Tocantins e oeste da Bahia.

Agora, cabe ao Governo Federal efetuar um planejamento inteligente que tire o melhor proveito dessas migrações espontâneas e delas crie subsídios importantes para a distribuição da população brasileira.

O planejamento da distribuição populacional brasileira tem-se caracterizado pela procrastinação de providências sem nenhum motivo justificável.

A estruturação da atividade agrope-

cuária familiar sempre foi indicada como o melhor caminho para inibir o êxodo rural.

No entanto, as terras quilombolas garantidas pela Constituição de 88, sequer foram regularizadas.

As terras indígenas são federais. Ninguém quer manter os índios apartados da sociedade nacional.

É preciso evitar a caboclicização do índio, o que o fará passar por mais uma etapa antes de atingir a comunidade nacional.

A cultura do índio tem rígidos contornos e é facilmente atingida ao ser esquadrihada por profissionais competentes. Na reserva será mais fácil dar atendimento principalmente de saúde e de educação.

A cultura do caboclo é fragmentária e engloba influências de várias vertentes; abriga receios e preconceitos arraigados, o que dificulta a ação de funcionários do Governo e Organizações Não-Governamentais (ONGs).

O Semiárido é mais um item da ausência do Poder Público.

A seca do semiárido brasileiro é cíclica e é possível conviver com ela.

O povo brasileiro espera que os prejuízos da seca de 2012 nunca mais se repitam.

Quando se fala em cultura cabocla, a mente corre para a Amazônia. Mas a população do semiárido também apresenta as peculiaridades desse modo de interpretar o mundo.

A presença da escola e dos demais agen-

tes sociais é necessidade premente.

Esses núcleos populacionais em que o Poder Público raramente põe os olhos, em situação de desespero, costumam migrar e ocupar, em condições precárias, a periferia das cidades.

São famílias que se dedicavam, na maioria das vezes, à agricultura e pecuária de subsistência em seu local de origem.

A estruturação da atividade agropecuária familiar pode manter o homem no campo.

Os projetos devem partir dos estados com subsídios fornecidos pelos municípios. Só então cabe a interferência do Ministério do Desenvolvimento Agrário.

No atual modelo, as pequenas propriedades não conseguem manter suas famílias; os sítios são vendidos e todos partem para as cidades ou tomam o rumo das hostes do MST (Movimento dos Trabalhadores Sem Terra).

Essa dívida tem de ser paga agora; não há mais clima para a espera.

A paz na cidade ou no campo só tem uma receita: núcleo de produção casado com um núcleo de população.

Aí brotam cidades, vem o Cartório, a Polícia, vem a Igreja, vem o Banco, vem a Escola, vem o Hospital, o Correio.

Dúvida? Vá dar uma olhadinha na cidade mato-grossense de Rondonópolis, meu caminho para Poxoreo e Sangradouro em 1970-71.

Abigayl Lea da Silva



A Serra da Mantiqueira: a presença humana e a cultura tradicional

A Mantiqueira era habitada desde muito antes do descobrimento do Brasil. Quando os primeiros desbravadores, cruzando o Vale do Paraíba, transpuseram a muralha serrana, em meados do século 16, já encontraram a presença indígena – puris, goytacazes – o que se pode observar pela extensa nomenclatura de origem tupi-guarani, como Paraíba, Mantiqueira, Guarattinguetá, Embaú, Piquete, Itatiaia, Itajubá, Itanhandu, Caxambu, Baependi, Sapucaí e tantos outros.

Com a notícia da descoberta de ouro, no rastro de desbravadores vieram levas de bandeirantes, atraídos por essa riqueza.

Partindo do Vale do Paraíba, atravessando a Garganta do Embaú, penetraram gradativamente pelo interior estabelecendo, com o correr dos anos, os primeiros pousos e as primeiras roças. Com o descobrimento de novas lavras – Itajubá, Alagoa e Aiuruoca –, acelerou-se a penetração desses primei-

ros colonizadores brancos, que, misturados aos aventureiros vindos de Portugal e de toda parte, juntamente com escravos africanos e índios aprisionados, espalharam-se pelas serras e campos nativos. Iniciava-se aí a criação de gado e de burros de carga. Com a derrubada das matas dos vales e das encostas, foram sendo plantadas as culturas do milho e do feijão. Com o tempo, da mistura dessas raças, a branca, a indígena e a negra, fez-se o povoamento da serra da Mantiqueira.

Esgotado o ciclo do ouro, os que permaneceram buscaram sua sobrevivência experimentando diversas culturas, como cana, fumo e o café. Predominou, porém, a cultura de subsistência e desenvolveu-se grande conhecimento sobre as plantas nativas, sobretudo medicinais, além de técnicas artesanais tradicionais.

Com a destruição das matas, as queimadas e a erosão das encostas, rapidamente

esgotou-se o solo e a região passou a fazer da criação de gado – à falta de opção – sua principal atividade econômica.

Nos últimos anos, apesar do abandono político-cultural em que vive a maior parte das comunidades regionais – que jamais receberam qualquer apoio ou incentivo dos governantes –, com o fluxo do turismo iniciado na década de 70, abriu-se nova perspectiva de prosperidade. É preciso, contudo, que a população esteja preparada e consciente da necessidade de preservar seu patrimônio natural, sua qualidade de vida, suas tradições culturais... A criação da APA da Serra da Mantiqueira, em junho de 1985, teve essa finalidade. No entanto, passados 28 anos, essa APA ainda nem foi regulamentada. É preciso que cada um de nós se integre aos seus objetivos e contribua para a preservação da Mantiqueira.

Em defesa da Mantiqueira...

O município de Piquete tem a Serra da Mantiqueira como seu maior patrimônio natural. Orgulha-se de abrigar esse maciço montanhoso com altitudes que ultrapassam 2mil e 400 metros. Preserva importantes fragmentos de mata atlântica, rica diversidade de fauna e flora, além de um número significativo de nascentes de ribeirões tributários do Paraíba do Sul.

A formação vegetal predominante, a Mata Atlântica, é chamada pelos botânicos de Floresta Estacional Semidecidual. Nas regiões mais altas, apresenta os campos de altitude e remanescentes de araucárias, espécie de pinheiro ameaçada de extinção. Visando a preservá-la, em 1985 a Mantiqueira

foi transformada em Área de Proteção Ambiental. A APA da Mantiqueira está inserida na categoria especial no Atlas de Áreas Prioritárias para sua conservação, devido à grande riqueza da fauna e da flora da região e à alta concentração de répteis e anfíbios endêmicos, ou seja, que só ocorrem nesse local. Nelas são encontradas populações de macacos como o muriqui ou moncarvoeiro, bugios, felídeos como a onça pintada, jaguatirica, suçuarana e gato do mato, além de aves cada vez mais raras como o macuco, sabiá cica, maria leque...

De maneira muito similar a outras APAs brasileiras, as principais ameaças à conservação da Serra da Mantiqueira são o mau

uso e a ocupação desordenada do solo, a precária fiscalização, queimadas e poluição dos recursos hídricos.

Desde 1997, a Fundação Christiano Rosa, por meio de O ESTAFETA, vem trabalhando para sensibilizar a população quanto à necessidade de se preservar esse patrimônio, tarefa que necessita de apoio e multiplicadores, uma vez que a educação ambiental e a consciência ambientalista fazem parte de um processo continuado. A conservação da Serra da Mantiqueira é um grande desafio que necessita de ações conjuntas de todos os segmentos da sociedade. Há muito a se fazer em defesa da Mantiqueira.

